

**O MEU CORAÇÃO EXULTA PORQUE TU, CRISTO, VIVES**  
**Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação**  
**Rimini, 28 de abril de 2017**

*Apontamentos da Introdução de Julián Carrón*

«Que a oração não seja um gesto mecânico», dizia-nos Dom Giussani. Portanto, «ergamos a nossa consciência, despertemos a nossa responsabilidade! [...] Toda a gente está como que debaixo de uma capa de chumbo, que é o esquecimento do objetivo pelo qual uma pessoa se levanta de manhã, retoma as coisas, retoma as rédeas de si mesmo. O impacto que todas as coisas têm sobre o homem é o de lhe dizer: “Desperta [...]”. [...] Meus Deus, como devia ser este o abanão de cada manhã! E, em vez disso, é um grave esquecimento aquilo que caracteriza desde o início, normalmente, os nossos dias, ainda que depois sejam cheios de atividades. [...] Quando nos juntamos, é para olhar para a luz [...] [para repartirmos deste esquecimento, para] não permitir que o homem ao nosso lado chore, sozinho e sem horizonte. [...] Assim, neste momento, a nossa cabeça pode emergir da névoa normal, que habitualmente a cobre: retomamos consciência, retomamos responsabilidade por nós e pelas coisas, pelo amor de nós e pelo amor do sol, pelo amor de nós e pelo amor dos homens. [...] De nós depende que esteja desperta no mundo e que subsista esta companhia, esta possibilidade de companhia, que elimina a estranheza entre mim e tu, entre o homem e o outro homem, e permite que as coisas sejam úteis, o tempo seja útil».<sup>1</sup>

Peçamo-lo com toda a consciência de que somos capazes.

*Vinde, Espírito Santo*

No início destes nossos dias, leio-vos o telegrama que o Santo Padre nos enviou: «Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, Sua Santidade o Papa Francisco, espiritualmente participe, envia o seu cordial pensamento e os seus votos. Ele deseja aos numerosos participantes, e a todos quantos estão ligados via satélite, abundantes frutos de redescoberta interior da fecundidade da fé cristã, num mundo dilacerado pela lógica do lucro, que produz novas pobreza e gera a cultura do desperdício, sustentados pela certeza da presença de Cristo ressuscitado e vivo. O Santo Padre invoca os dons do Divino Espírito para que se possa realizar aquela revolução da ternura iniciada por Jesus com o seu amor de predileção aos pequenos, na senda traçada pelo benemérito sacerdote monsenhor Luigi Giussani, que exortava a fazer da pobreza o nosso amor. E ao mesmo tempo que pede para perseverarem na oração para sustento do seu ministério universal, invoca a celeste proteção da Virgem Maria e concede, de todo o coração, a si e a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a de bom grado a toda a Fraternidade. Vaticano, 28 de abril de 2017, cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado de Sua Santidade».

**1. «O que seria uma salvação que não fosse livre?»**

Parece um paradoxo a forma como iniciámos esta noite: Dom Giussani incitou-nos a rezar de uma forma tal que a nossa oração não seja mecânica, convidou-nos a erguer a nossa consciência, a despertar a nossa responsabilidade, ou seja, a empunhar a nossa liberdade; e no

---

<sup>1</sup> L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo (1990-1991)*, Bur, Milão 2013, pp. 219-220.

entanto, um pouco antes de voltarmos a ouvir as suas palavras, cantámos o quanto somos incapazes de viver com verdade e como somos contraditórios no uso da liberdade: «Só aprendi a enganar-me a mim mesmo [...]. / Nas minhas mãos só ficou / terra queimada, nomes sem um porquê [...]. / *Com as minhas mãos / nunca poderei fazer justiça!*».<sup>2</sup>

Por que razão é que Dom Giussani insiste tanto que nós retomemos consciência, que ergamos a nossa consciência, que esgrimamos a nossa liberdade? O porquê, é Péguy que nolo recorda: «O que seria uma salvação [diz Deus] que não fosse livre? / Como se poderia qualificá-la? / Queremos que esta salvação a adquira ele mesmo. / Ele mesmo, o homem. Que a procure ele mesmo. / Que proceda, em certo sentido, dele mesmo. É este o segredo, / É este o mistério da liberdade do homem. / É este o valor que damos à liberdade do homem».<sup>3</sup>

Quem poderia imaginar uma valorização do homem e da sua liberdade como esta? Deus quer-nos verdadeiramente protagonistas da nossa salvação. O que é muito diferente de esvaziar o valor do tempo e da história! Porquê? «Porque eu mesmo sou livre, diz Deus, e criei o homem à minha imagem e semelhança. / É este o mistério, é este o segredo, é este o valor / De toda a liberdade. / Esta liberdade desta criatura é o mais belo reflexo que há no mundo / Da Liberdade do Criador. È por isso que lhe conferimos, / Que lhe damos um valor próprio».<sup>4</sup>

Mas por que razão é que Deus faz tanta questão assim em envolver-nos na nossa salvação, sabendo que somos uns pobres coitados? Qual é a razão desta sua insistência na nossa colaboração?

«Uma salvação [continua Péguy] que não fosse livre, [...] que não procedesse de um homem livre, já nada nos diria. [...] / Que interesse teria uma salvação assim? / Uma beatitude de escravos, uma salvação de escravos, uma beatitude serva, como quereis que isso me interesse? Acaso gostamos de ser amados por escravos?»<sup>5</sup>

Péguy toca aqui, antecipando-se ao seu tempo, no ponto mais sensível de hoje: a liberdade. Se em qualquer época da história estas palavras foram verdadeiras, por maioria de razão o são no nosso presente. É um momento, com efeito, em que nenhuma convenção se mantém, em que nenhum hábito pode ser suficiente para comunicar o cristianismo e torná-lo aceitável. Pelo contrário, tudo parece estar contra ele. O cristianismo, com efeito, já não está na moda, já não é uma coisa que se possa transmitir por hábito ou através dos costumes sociais. Para muitos à nossa volta, a fé é agora um “vestido velho”, que se deve abandonar sem sequer o tomar em consideração. Isto pode ter sobre nós o efeito de nos abater ou, então, de nos relançar na aventura, exaltando ainda mais aquilo que é verdadeiro desde a origem do cristianismo: Cristo propõe-se à liberdade do homem.

É verdade acima de tudo para nós: nada nos pode poupar à liberdade, nada pode ganhar raízes em nós se não for acolhido e conquistado pela liberdade. É uma urgência que somos os primeiros a sentir, como me escreve um de vocês: «Caríssimo Julián, a três dias dos Exercícios Espirituais, senti o desejo de te comunicar por que razão decidi mais uma vez participar. Não me basta aderir mecanicamente a um aviso. Preciso de redescobrir uma razoabilidade que me faça estar ali com a mente e o coração abertos. Num mundo tão aparentemente distante do gesto que fazemos, sinto-os ainda assim como um bem e uma utilidade para mim e para o mundo. Na vida de cada um joga-se esta grande partida da relação com o Infinito que, de modo misterioso, atravessa o finito das nossas vidas e as chama a Si. Abrir-me a isto mudou a perspectiva com a qual vivo. Como para cada um, a vida para mim não é simples. Descobri, combatendo, na grande graça do caminho que nos chamamos a fazer, que a vida é bela não porque esteja tudo em ordem e corra exatamente como eu a

---

<sup>2</sup> C. Chieffo, «La guerra», *Cancioneiro*, Gráfica de Coimbra, p. 205.

<sup>3</sup> Ch. Péguy, *O mistério dos santos inocentes*, Lucerna, Cascais 2015, p. 46.

<sup>4</sup> *Ivi.*

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 47.

imagino. A vida é bela porque em cada dia existe uma possibilidade de relação com o Mistério e tudo se pode tornar um desafio para o descobrir e receber um pouco mais para si. Aquilo que me liberta da ansiedade e do medo (as verdadeiras doenças deste tempo, que se tentam curar com remédios) é ter experimentado que no imprevisto se esconde alguma coisa que foi preparada para mim, uma ocasião para aprofundar esta relação com o Mistério. Preciso de voltar a ouvir Alguém que me chama pelo nome e que aquilo que começou comigo possa não acabar nunca. Estou-te por isso grato, a ti, que foste chamado a despertar o nosso olhar e o nosso coração para a atratividade de Jesus, e a cada um de nós, apaixonado pelo próprio destino».

Por outro lado, a quem poderia interessar uma salvação que não fosse livre, uma beatitude de escravos? E que prazer encontraria Deus em ser amado por pessoas que O amassem por inércia ou constrição? A Deus, não teria custado nada criar outros seres que cumprissem a sua tarefa mecanicamente, como escravos. Tal como poderia ter criado outros astros que girassem mecanicamente. Também esses teriam contribuído, diz Péguy, para fazer resplandecer o Seu poder. «O meu poder resplandece sobejamente nas areias do mar e nas estrelas do céu. / Não é minimamente contestado, é conhecido, resplandece sobejamente na criação inanimada. / Resplandece sobejamente no governo, / No próprio acontecimento do homem».<sup>6</sup>

O que queria, então, Deus? «Na minha criação animada, diz Deus, quis melhor, quis mais. / Infinitamente melhor. Infinitamente mais. Pois eu quis essa liberdade. / Eu *criei* essa liberdade, precisamente. [...] / Quando soubemos uma vez o que é ser amado livremente, as sujeições já não têm gosto algum. / Quando soubemos o que é ser amado por homens livres, as prosternações de escravos já nada nos dizem. [...] / Nada equivale a esse peso, nada equivale a esse valor. / É seguramente a minha maior invenção».<sup>7</sup>

Portanto, Deus quis algo melhor. Também nós o sabemos: «Quando soubemos o que é ser amado por homens livres, as prosternações de escravos já nada nos dizem», «as sujeições já não têm gosto algum». Deus queria alguma coisa de «Infinitamente melhor. Infinitamente mais»: ser amado livremente.

«Perguntai a um pai se o melhor momento / Não é quando os filhos começam a amá-lo como homens, / A ele mesmo como um homem, / Livremente, / Gratuitamente, / Perguntai a um pai cujos filhos estão a crescer. // Perguntai a um pai se não há uma hora secreta, / Um momento secreto, / E se, por acaso, não é / Quando os seus filhos começam a fazer-se homens, / Livres / E a ele mesmo tratam como a um homem, / Livre, / O amam como um homem, / Livre, / Perguntai a esse pai cujos filhos estão a crescer. // Perguntai a esse pai se não há uma eleição entre todas / E se, por acaso, não é / Precisamente quando cessa a submissão e quando os seus filhos feitos homens / O amam, (o tratam), por assim dizer como conhecedores, / De homem para homem, / Livremente. / Gratuitamente. O estimam assim. / Perguntai a esse pai se ele não sabe que nada equivale a / Um olhar de homem que se cruza com um olhar de homem. // Ora, eu sou o pai deles, diz Deus, e conheço a condição do homem. / Fui eu que a fiz. / Não lhes peço demasiado. Não peço mais do que o seu coração. / Quando tenho o coração, acho bem. Não sou difícil. // Todas as submissões de escravos do mundo não valem um belo olhar de homem livre. / Ou melhor, todas as submissões de escravos do mundo me repugnam e daria tudo / Por um belo olhar de homem livre».<sup>8</sup> Um belo olhar; não talvez a perfeição, mas um belo olhar de homem livre. Conclui Péguy: «A essa liberdade, a essa gratuidade, sacrifiquei tudo, diz Deus, / A esse gosto que tenho de ser amado por homens livres, / Livremente, / Gratuitamente, / Por verdadeiros homens, viris, adultos, firmes. / Nobres, ternos, mas de uma ternura firme. / Para obter essa liberdade, essa

---

<sup>6</sup> *Ivi.*

<sup>7</sup> *Ivi.*

<sup>8</sup> *Ibidem*, pp. 69-70

gratuidade, sacrifiquei tudo, / Para criar essa liberdade, essa gratuidade, / Para pôr em jogo essa liberdade, essa gratuidade. // Para lhes ensinar a liberdade».<sup>9</sup>

Confirma-o, com outras palavras, São Gregório de Níssa: «Aquele que criou o homem para fazê-lo partícipe dos seus bens, [...] não poderia tê-lo privado do melhor e mais precioso daqueles bens, quero dizer, do dom [...] da liberdade».<sup>10</sup> Que interesse tem uma salvação que não seja livre? Para nós, nenhum. Mas também não o tem para Deus. A salvação torna-se interessante para o homem e para Deus apenas se for livre. Para Deus, porque quer ser amado por homens livres e não por escravos. Para nós, porque caso contrário não seria uma salvação minha, tua. A liberdade é decisiva para não entendermos a salvação como uma coisa de servos, como alguma coisa de forçada e da qual, no final, nos defendemos, mas como pertinente às nossas exigências de homens. Ao longo da história, vimos aonde leva uma salvação que não seja livre, uma salvação imposta por constrição, por hábito ou por medo. As constrições humanas vacinaram muita gente contra este género de salvação. E o hábito fez com que, com o tempo, se perdesse o interesse por ela.

Então, a grande questão que cada um de nós se deve colocar no início deste nosso gesto, é simples: a salvação continua a ser interessante para mim? Não o hábito, não a repetição mecânica de determinados gestos, mas a salvação! Interessa-me ainda como no início, com o mesmo estremecimento do início? Não é óbvio, como sabemos. O tempo e as vicissitudes da vida não poupam ninguém. Por isso, cada um tem de olhar para a sua própria existência e responder na primeira pessoa.

## **2. «Cristo fica como que isolado do coração»**

Preparando o prefácio do novo livro que reúne os Exercícios da Fraternidade pregados por Dom Giussani, deparei-me com a preocupação que pesava sobre ele nos primeiros Exercícios, os de 1982, o ano do reconhecimento pontifício. Naquela ocasião, ele colocava diante dos olhos de todos que não bastava permanecer passivamente no movimento para manter a frescura do início, para que o encontro feito continuasse interessante. Nem mesmo a nós, que tínhamos sido escolhidos, agraciados por um dom tão perturbador como o encontro com Cristo através de Dom Giussani, podia bastar o hábito para conservar aquele início. Dizia, com efeito: «Vocês cresceram: ao mesmo tempo que asseguraram uma capacidade humana na vossa profissão, existe – possivelmente – como que um distanciamento de Cristo, em comparação com a emoção de há tantos anos atrás [não a coerência, mas a emoção de há tantos anos atrás], sobretudo de determinadas circunstâncias de há tantos anos atrás. Há um distanciamento de Cristo, salvo em determinados momentos [salvo em certas ocasiões]. [...] Salvo quando se metem, nos pomos, a realizar obras em Seu nome, em nome da Igreja ou em nome do movimento». Como vemos, Dom Giussani não se tinha deixado confundir por uma possível euforia graças ao reconhecimento. «É como se Cristo», apesar de podermos estar empenhados em tantas coisas, «estivesse distante do coração [...], ou melhor, Cristo fica como que isolado do coração».<sup>11</sup> O simples permanecer não bastava para continuar a experimentar a «emoção de há tantos anos atrás», do início.

O ponto chave do juízo de Dom Giussani está em ele ter entendido que, tornando-nos adultos, vivíamos a vida, com todos os seus empenhos, ainda que justos, de um modo em que «Cristo fica como que isolado do coração». E se Cristo está isolado do coração, mais cedo ou mais tarde deixa de ser interessante. Cristo é interessante, com efeito, exatamente pela capacidade que tem de fazer vibrar o nosso coração, de lhe corresponder de forma total e de nos fazer entender essa correspondência.

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 70.

<sup>10</sup> Gregorio di Nissa, *La grande catechesi*, Città Nuova, Roma 1990, p. 58.

<sup>11</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, Bur, Milão 2017, pp. 21-22.

Mas este isolamento de Cristo do coração não diz respeito apenas à nossa relação com Ele, mas sim à relação com tudo. O distanciamento de Cristo do coração, continua Dom Giussani, gera um outro, que se verifica num «último empecilho entre nós – estou a falar também de marido e mulher -, [...] o distanciamento de Cristo do coração torna distante o último aspeto do coração de um do último aspeto do coração do outro, a não ser nas acções comuns (há a casa para levar para a frente, os filhos para cuidar, etc.)».<sup>12</sup>

Se o isolamento de Cristo do coração diz respeito à relação com tudo, é «porque o coração», diz logo a seguir, «é como uma pessoa olha para os seus filhos, como uma pessoa olha para a sua mulher ou o seu marido, como uma pessoa olha para aquele que passa, como uma pessoa olha para as pessoas da comunidade ou os colegas de trabalho, ou – sobretudo – como uma pessoa se levanta de manhã».<sup>13</sup> Ora, se Cristo não tem a ver com a forma como olhamos para a mulher, o marido, o que passa, os colegas de trabalho, etc., então não tem a ver com a vida, com noventa e nove por cento da vida. Consequentemente, com o tempo, torna-se inútil, perde o interesse.

Sabemos bem, por experiência, que Cristo se tornou uma presença interessante para nós porque fez vibrar o nosso coração, fez vibrar de forma diferente o nosso eu diante de tudo («A realidade torna-se evidente na experiência»,<sup>14</sup> dizia-nos Dom Giussani). Do mesmo modo, nós reconhecemos que ela ou ele era a pessoa com quem queríamos partilhar a vida porque fazia vibrar a profundidade do nosso eu. Aquela vibração era apenas um sentimentalismo, ou era antes a possibilidade de descobrir o alcance que a sua presença tinha para nós? O mesmo é válido para o encontro com Cristo, para o embate com a Sua presença, na experiência do início.

Para entender como é que as coisas são para nós, bastaria que cada um se perguntasse: o que é que prevalece agora como sentimento da vida? O que é que eu descubro como fundo último de mim mesmo? Qual é o pensamento dominante? Qual é a música de fundo que prevalece? Porque o homem é uno. E no final, há apenas um único pensamento – qualquer que ele seja – que domina, um único sentimento último da vida que prevalece. Todas as análises são inúteis, porque cada um se encontra despido diante da grande pergunta: Cristo permanece interessante como da primeira vez?

Basta fazer a comparação com o estremecimento que o início provocou em nós para ver se Cristo permanece mais apegado ao nosso coração agora do que estava nessa altura, ou se hoje está mais distante, precisamente, mais isolado do nosso coração em relação ao sobressalto inicial que nos fez pessoas “presas”. Eis a alternativa: presos ou isolados. Cada vez mais presos, ou cada vez mais isolados. Não o digo para nos medirmos de forma moralista – não percam tempo com isso! –, mas para que nos demos conta se Ele permanece interessante como no início, para que tomemos consciência do quanto estamos entusiasmados agora em comparação com então.

### **3. Um caminho a percorrer**

Neste maior ou menor distanciamento de Cristo do coração está em jogo a nossa liberdade. A mesma liberdade está em jogo na relação com aquele que fez com que Cristo nos fosse tão próximo: Dom Giussani, o seu carisma, a herança que recebemos.

Na audiência de 7 de março, o Papa recordou-nos que «fidelidade ao carisma não quer dizer «petrificá-lo» — é o diabo que «petrifica», não vos esqueçais disto! Fidelidade ao carisma não significa escrevê-lo num pergaminho e colocá-lo numa moldura. A referência à

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>14</sup> L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Bur, Milão 2002, p. 143.

herança que Dom Giussani vos deixou não pode reduzir-se a um museu de lembranças, de decisões tomadas, de normas de conduta. Sem dúvida, exige fidelidade à tradição, mas fidelidade à tradição — dizia Mahler — “significa manter aceso o fogo e não adorar as cinzas”. Dom Giussani nunca vos perdoaria se perdésseis a liberdade e se vos transformásseis em guias de museu ou em adoradores de cinzas. Mantende aceso o fogo da memória daquele primeiro encontro e sede livres!».<sup>15</sup>

Sem liberdade, a vida de cada um de nós pode transformar-se num museu de recordações dos velhos tempos. Se não existe alguma coisa que prevaleça no presente como mais interessante do que todas as recordações, a vida fica bloqueada. Porque todas as recordações, ainda que bonitas, as decisões tomadas, as normas de conduta, não bastam para manter vivo o fogo agora. É um caminho que nunca se pode suspender: não se pode viver dos rendimentos. Já o escrevia von Balthasar no início dos anos cinquenta: «Uma verdade que continue apenas a ser transmitida, sem ser repensada a fundo, perdeu a sua força vital».<sup>16</sup> E nos mesmos anos, Guardini confirmava: «Na monotonia do puro prosseguir, nós sufocaremos».<sup>17</sup>

Naquele momento, em 1982, enquanto todos estavam contentes por estar em Rimini a celebrar o Reconhecimento Pontifício da Fraternidade que tinha acabado de acontecer, Dom Giussani não larga a presa, não se distancia de uma paixão pela vida de cada um de nós. Interessava-lhe que aquele momento, assinalado pelo ato de reconhecimento da Santa Sé, fosse a ocasião para tomar consciência de que a nossa vida, ao crescermos, se estava a distanciar de Cristo. Com o que é que Dom Giussani estava preocupado? Com a maturidade da experiência das pessoas da Fraternidade – sobretudo depois do reconhecimento –, uma maturidade que ainda hoje depende exclusivamente do caminho que cada um deve percorrer.

Ele estava bem consciente de que não há fórmulas ou livros de instruções que possam substituir o movimento da liberdade; ele é indispensável para a realização do caminho para a maturidade, para a verdade de nós mesmos. E dizia: «Como é impressionante pensar que a vida, o tempo, é mudança. Por que razão é que uma mãe dá uma criança ao mundo e esta vive quarenta anos, cinquenta anos, sessenta anos, oitenta anos, noventa anos? Para que mude! Para que mude! Mas o que quer dizer mudar? Tornar-se cada vez mais verdadeira, cada vez mais ela mesma».<sup>18</sup> Como observa Kierkegaard, «eu não conheço [...] verdadeiramente a verdade senão quando esta se torna vida em mim»,<sup>19</sup> e é este o sentido da mudança, da modificação. Eis a razão última do apelo de Dom Giussani: que nós nos tornemos cada vez mais verdadeiros, cada vez mais nós mesmos. Muito diferente de moralismo! Mas é uma mudança que não pode acontecer sem nós, sem a nossa liberdade, sem o constante envolvimento de cada um de nós.

Por que é que Dom Giussani insistia tanto na necessidade de um caminho de amadurecimento? Porque é precisamente no amadurecimento da familiaridade com Cristo que reside a possibilidade de uma plenitude da nossa vida, do nosso tornarmo-nos nós mesmos. Caso contrário, a alienação domina. Mas este amadurecimento, de facto, não é óbvio, não se realiza automaticamente, simplesmente com o passar do tempo, com o tornar-se fisicamente crescido. Não é óbvio nem mesmo para aqueles que cresceram dentro da experiência do movimento. Este é o motivo porque, em 1982, Dom Giussani dizia: existe um «equivoco sobre o que é “crescer” [...]». Eu não considero, com efeito, que seja uma característica estatisticamente normal que o crescer nos tenha tornado Cristo mais familiar [...], nos tenha

---

<sup>15</sup> Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

<sup>16</sup> H.U. von Balthasar, *La percezione dell'amore. Abbattere i bastioni e Solo l'amore è credibile*, Jaca Book, Milão 2010, p. 13.

<sup>17</sup> R. Guardini, *Natale e capodanno. Pensieri per far chiarezza*, Morcelliana, Brescia 1993, p. 38.

<sup>18</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 125.

<sup>19</sup> S. Kierkegaard, *Esercizio del cristianesimo*, in Id., *Le grandi opere filosofiche e teologiche*, Bompiani, Milão 2013, pp. 2109, 2111.

tornado mais familiar a resposta à pergunta com a qual ouvimos a proposta há vinte e cinco anos atrás. Não creio».<sup>20</sup>

Não é estatisticamente normal que o crescer nos tenha tornado Cristo mais familiar! Podemos entender estas palavras como uma reprimenda que nos choca, ou então podemos acolhê-las com uma gratidão desmesurada, como o gesto de alguém que quer tanto bem à nossa vida, ao nosso caminho, que usa todas as ocasiões para nos chamar à verdade de nós mesmos, para não nos deixar acabar no nada.

E então surge a pergunta: porque diminui o interesse, ao ponto de sentirmos Cristo distante do nosso coração? Por que é que o crescer não aumentou a familiaridade com Ele? Porque não basta a espontaneidade – sempre nos disse Dom Giussani –, porque o crescer não é um processo espontâneo: é preciso um empenho da liberdade, é preciso um caminho, como foi para os apóstolos «a trajetória da convicção».<sup>21</sup>

Deixemo-nos guiar por Dom Giussani nesta renovada tomada de consciência do caminho que nos espera para um amadurecimento da nossa fé. É necessário um empenho da liberdade acima de tudo para manter aberta a nossa humanidade: a «abertura última do espírito [...] é algo em que a pessoa se deve continuamente empenhar. A responsabilidade da educação é grande: com efeito, esta capacidade de compreender, embora correspondente à natureza, não é espontânea. Aliás, se é tratada como pura espontaneidade, aquela base de sensibilidade de que se dispunha originariamente é sufocada. Reduzir a religiosidade à pura espontaneidade é o modo mais definitivo e subtil de a perseguir, de exaltar os seus aspetos flutuantes e provisórios, ligados a um sentimentalismo contingente. Se a sensibilidade pela nossa humanidade não é constantemente solicitada e ordenada, nenhum facto, nem mesmo o mais clamoroso, encontrará nela correspondência. Todos já experimentámos, mais cedo ou mais tarde, aquele sentido de obtusa estranheza à realidade que se sente num dia em que nos deixámos arrastar pelas circunstâncias, em que não nos empenhámos em nenhum esforço: de repente, coisas, palavras e factos, que antes eram para nós razões claras, naquele dia cessam de o ser, de repente já não se percebem».<sup>22</sup>

O que é que capta a correspondência? O nosso coração, a nossa humanidade. Se o nosso coração não estiver desperto, nenhum facto, nem mesmo o de Cristo, poderá mostrar e realizar a sua correspondência a esse coração. E sem correspondência, prevalece apenas a estranheza. «Como estou só aqui! Meu Deus, como estou só aqui e como me sinto estrangeira! Tudo, à minha volta, me é hostil e não há lugar para mim. Até as coisas à minha volta, dir-se-ia que não me veem e que eu não estou aqui. [...] A realidade está ausente. A vida verdadeira está ausente».<sup>23</sup> Não basta que Cristo continue a acontecer, se eu não tiver aquela abertura que me permite dar-me conta dele, de não O sentir como um estranho, se eu for obtuso ao Seu estar presente. Por isso, sem a liberdade, não é possível que a salvação continue a ser interessante. Sublinhar a liberdade é essencial, não é um extra, ainda que isto não signifique, de facto, que na vida no possamos safar sozinhos. Não! É que sem implicar livremente toda a nossa humanidade, Cristo permanece isolado, longe de nós mesmos.

#### **4. «O nosso primeiro perigo é o formalismo»**

Qual é a consequência deste isolamento do coração de Cristo, desta obtusa estranheza que às vezes sentimos, mesmo depois de tanto tempo? O formalismo. «O nosso primeiro perigo, por isso, é o formalismo, a repetição de palavras ou a repetição de gestos, sem que palavras e gestos abanem, ou, de algum modo, ponham em crise, isto é, mexam qualquer coisa em ti,

<sup>20</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 24-25.

<sup>21</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2010, p. 65ss.

<sup>22</sup> *Ibidem*, pp. 106.

<sup>23</sup> P. Claudel, *Il pane duro*, in Id., *Il pane duro – Destino a mezzogiorno*, Massimo, Milão 1971, p. 102.

iluminem mais o olhar que diriges a ti mesmo, alimentem uma convicção acerca de um valor (porque, por exemplo, que te devas empenhar nas eleições é uma necessidade da tua humanidade, de outro modo falta uma medida à tua humanidade)».<sup>24</sup> Giussani dizia estas coisas no início dos anos oitenta, falando aos responsáveis dos universitários. Mas o quanto são atuais, o quanto valem também para nós!

O formalismo é uma fé que corre paralela à vida, que se satisfaz com a repetição de palavras e de gestos; é uma adesão que se identifica com a participação em certos momentos ou com o desenvolvimento de determinadas atividades; mas, na medida em que não move alguma coisa em mim, fora daqueles momentos e esgotadas aquelas atividades, encontramos-nos diante da vida como toda a gente, também nós presos na alternativa entre uma «exasperada presunção e o mais obscuro desespero».<sup>25</sup>

Dom Giussani falava também de um «formalismo na adesão à comunidade». E descrevia-o assim: «Não se está em ordem porque se faz Escola de Comunidade, não se está em ordem porque se participa na Santa Missa com o próprio padre, não se está em ordem porque se distribui folhetos ou se penduram cartazes. Esta pode ser a formalidade com que se paga a portagem à realidade social a que se adere. Mas quando é que tudo isto se torna experiência? Quando te diz alguma coisa e move (“movimento”) alguma coisa em ti».<sup>26</sup>

E, ainda aos universitários, em 1977, dizia: «O verdadeiro problema é o formalismo da fé. Nós estamos numa época em que a fé é totalmente reduzida a formalismo. [...] Não se parte da consciência de Cristo como minha vida e, por isso, como vida do mundo e, por isso, do mundo como minha vida».<sup>27</sup>

Também o grande teólogo ortodoxo Olivier Clément estava consciente disto: «A prática da Igreja muda sem que se note, não como consequência de uma criação consciente, mas por causa de cedências, escleroses, desvios, reinterpretações *a posteriori*, venerações de hábitos de *per si* contingentes».<sup>28</sup>

É um ponto em relação ao qual Dom Giussani nunca nos deu tréguas. Num texto de 1984, afirma: «Qualquer expressão de um movimento como o nosso, se não faz nascer do íntimo das experiências concretas que se vivem o apelo à memória da presença de Cristo, não serve. Aliás, piora a situação do humano, porque favorece o formalismo e o moralismo. Faria decair o acontecimento entre nós – acontecimento que devíamos tratar com tremor nos olhos e no coração como critério do nosso comportamento mútuo – em refúgio sociológico, em posição social».<sup>29</sup>

E no novo livro dos Exercícios da Fraternidade, acrescenta: «Então dá-se aquele fenómeno graças ao qual, [...] em determinados momentos a nossa alma levita, [...] “desperta”, move-se, mas depois o olhar para a vida de todos os dias volta a fazer tudo opaco, tudo homogéneo, tudo pesado, tudo delimitado, tudo sufocado. E é como se não conjugássemos nunca estes dois momentos de pensamento e de olhar sobre nós mesmos, a não ser de fora, de forma moralista, no sentido em que, como temos fé, algumas coisas não se podem fazer, outras é preciso fazer. E isto vem de fora, não de dentro: aquilo que se faz ou não se faz não é expressão de uma consciência nova (conversão), de uma verdade de si, mas é como uma portagem paga, tributada a algo de fora, ainda que devota e profundamente reconhecida e estimada. E é o contrário: ou Deus é a vida, ou então é como se ficasse fora da nossa porta».<sup>30</sup> É a alternativa que se joga em cada momento, em cada circunstância, no início de cada ação,

---

<sup>24</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Bur, Milão 2008, pp. 194-195.

<sup>25</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 78.

<sup>26</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 194.

<sup>27</sup> L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Bur, Milão 2006, pp. 109-110.

<sup>28</sup> O. Clément, *La rivolta dello spirito*, Jaca Book, Milão 1980, p. 82.

<sup>29</sup> L. Giussani, «Appendice», in Id., *Alla ricerca del volto umano*, Jaca Book, Milão 1984, p. 90.

<sup>30</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 194-195



quando começamos a trabalhar ou quando estabelecemos uma relação: ou Deus é a vida, ou é relegado para fora da porta.

Quando sucumbimos a esta separação (entre Deus e a vida, entre a presença de Cristo e a vida, entre a fé e a vida), as nossas tarefas tornam-se um mero apêndice da nossa existência, algo de estranho ao nosso coração. Sublinha-o o Papa na *Evangelii gaudium*: «Hoje nota-se em muitos [...] uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e de relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores, não obstante rezem, uma acentuação do *individualismo*, uma *crise de identidade* e um *declínio do fervor*».<sup>31</sup>

Tantas atividades sem espírito não são desejáveis, tudo se desgasta. É ainda o Papa Francisco que descreve o resultado da separação entre a fé e o agir: um ativismo cansativo. «O problema não está sempre no excesso de atividades, mas sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer. Não se trata de uma fadiga serena, mas tensa, pesada, desagradável e, em definitivo, não assumida».<sup>32</sup>

Qual é a consequência de tudo isto? «Assim se gera a maior ameaça, que “é o pragmatismo cinzento da vida quotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez”. Desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu. Desiludidos com a Igreja, com a realidade ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como “o mais precioso elixir do demónio”. Chamados a iluminar e a comunicar vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior, e que corroem o dinamismo apostólico. Por tudo isto, permito-me insistir: não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!».<sup>33</sup>

## **5. O fundo do problema: «Estamos cansados do fundamento humano»**

Quando Cristo está isolado do coração e não se revela como interessante para a nossa vida, o cristianismo cristaliza-se em doutrina. Se Cristo não é reconhecido como necessidade minha, se não é descoberto por mim como essencial para a plenitude dos meus dias, como a Presença sem a qual não consigo viver – porque tenho um desejo que mais nada pode satisfazer –, o cristianismo passa a ser, no máximo, como o nobre pretexto para um meu envolvimento social ou religioso, do qual esperarei uma realização – ou uma satisfação – que nunca chegará. Por isso é necessário não entender mal a natureza do coração, o alcance do nosso desejo, da nossa necessidade, e não nos iludirmos de que o podemos colmatar com alguma coisa diferente da sua Presença. Cristo, com efeito, torna-se estranho quando o nosso coração se torna estranho para nós mesmos.

Dom Giussani identificou com clareza qual é o nó da questão que o Papa tão bem descreveu e devido à qual acabamos na estranheza com Cristo e com nós mesmos. «Nós cristãos [dizia em Chieti em 1985] no clima moderno fomos afastados não diretamente das fórmulas cristãs [podemos sabê-las de cor], não diretamente dos ritos cristãos [podemos continuar a repeti-los], não diretamente das leis do decálogo cristão [podemos continuar a

<sup>31</sup> Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 78.

<sup>32</sup> *Ibidem*, 82.

<sup>33</sup> *Ibidem*, 83.

ser-lhes fiéis]. Fomos afastados do fundamento humano, do sentido religioso. Temos uma fé que já não é religiosidade [...], que já não responde como deveria ao sentimento religioso». Por isso, temos uma fé «não consciente, uma fé que já não é inteligente sobre si própria. Dizia o meu velho autor Reinhold Niebuhr: “Nada é tão inacreditável como a resposta a um problema que não se põe”. Cristo é a resposta ao problema, à sede e à fome que o homem tem da verdade, da felicidade, da beleza e do amor, da justiça, do significado último».<sup>34</sup>

A fé perde interesse, esvazia-se, proporcionalmente ao quanto nos afastamos ou nos deixamos afastar do fundamento humano. Por isso Cristo começa a afastar-se, e com Ele os outros e toda a realidade, e as coisas que fazemos começam a tornar-se uma portagem que temos de pagar. Como diz Tolstoi: «Sentia que me escapava aquilo que me era indispensável para viver».<sup>35</sup>

A obliteração de Cristo, hoje – na nossa sociedade ocidental – não passa, acima de tudo, pela contestação explícita e frontal de Cristo, mas através da redução do humano, dos desejos e das necessidades do homem, através da censura da nossa sede, ou seja, da nossa pobreza original. Cristo torna-se assim num mero nome (já o repetimos muitas vezes) e o cristianismo transforma-se numa matriz cultural e no pretexto para um apelo ético.

Podemos detetar nisto uma influência do Iluminismo sobre nós. «Verdades históricas casuais não podem tornar-se nunca na prova de necessárias verdades racionais»,<sup>36</sup> dizia Lessing. E Kant acrescentava: «Uma fé histórica, simplesmente fundada sobre factos, não pode estender a sua influência para além do limite de tempo e de lugar onde podem chegar as notícias que permitem um juízo sobre a sua credibilidade».<sup>37</sup> Também nós pensámos poder conhecer, poder mudar, elaborar uma conceção e uma prática eficazes para prescindir da realidade de Cristo, isto é, acreditámos poder passar sem o Facto, sem a presença histórica e carnal de Cristo, que se torna experimentável na Igreja.

Mas, como Dom Giussani nos disse – e repetimo-lo nos Exercícios do ano passado –, é uma «história particular [...] a pedra angular da conceção cristã do homem, da sua moralidade, na sua relação com Deus, com a vida, com o mundo».<sup>38</sup> Quer dizer, só no seio da história particular gerada por Cristo, só através da experiência de Cristo no coração de cada um de nós, é que pode emergir e pode manter-se viva no tempo uma conceção verdadeira do homem, a possibilidade de uma moralidade. É o acontecimento de Cristo, o encontro histórico com a Sua presença, agora como então, que torna possível o abrir-se de uma verdade completa sobre o homem e o caminho para ela.

Vamos ouvir como é que Dom Giussani descreveu o acontecer pontual, preciso, desta história particular na sua vida: «Se eu não tivesse encontrado o monsenhor Gaetano Corti no primeiro ano do liceu, se eu não tivesse ouvido as poucas lições de italiano do monsenhor Giovanni Colombo, que foi depois cardeal de Milão, se eu não tivesse encontrado jovens que diante daquilo que eu sentia escancaravam os olhos como diante de uma surpresa tão inconcebível quanto agradável, se eu não tivesse começado a encontrar-me com eles, se eu não tivesse sempre encontrado cada vez mais gente que se envolvia comigo, se eu não tivesse tido esta companhia, se tu não tivesses tido esta companhia, Cristo, para mim como para ti, teria sido uma palavra objeto de frases teológicas ou, na melhor das hipóteses, um apelo a

---

<sup>34</sup> L. Giussani, *La coscienza religiosa nell'uomo moderno*, 21 novembre 1985, in Quaderni del Centro Culturale “Jacques Maritain” - Chieti, janeiro 1986, p. 15.

<sup>35</sup> L. Tolstoj, *La confessione*, SE, Milão 2000, p. 81.

<sup>36</sup> G.E. Lessing, «Sul cosiddetto “argomento dello spirito e della forza”», in Id., *La religione dell'umanità*, Laterza, Roma-Bari 1991, p. 68.

<sup>37</sup> I. Kant, *La religione entro i limiti della sola ragione*, Laterza, Bari 2014, p. 110.

<sup>38</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 82.

uma afetividade “piedosa”, genérica e confusa, que se concretizava apenas no temor dos pecados, ou seja, um moralismo».<sup>39</sup>

Mas – regressando ao tema deixado em aberto – para fugir à cristalização do cristianismo em doutrina (frases teológicas) ou à sua redução a ética (moralismo), é necessário um parto; ou seja, é necessário que Cristo não se acrescente à nossa existência de fora, de forma moralista, permanecendo, em última instância, estranho ao nosso coração, mas se coloque na raiz da nossa consciência e da nossa ação; de forma a que a evidência da Sua presença jorre do interior da vida enfrentada na relação com Ele, à luz da ligação com a Sua presença, como afirmava Mounier neste texto lido e comentado por Dom Giussani nos Exercícios da Fraternidade de 1989: «É da terra, da solidez [a terra ou a solidez é o complexo de condições na qual se encarna a vida: a roupa, a voz que tenho, os olhos que me servem até certo ponto] que deriva necessariamente um parto cheio de alegria [ou de grito, mas é o grito da letícia por aquilo que nasce], o sentimento paciente da obra que cresce [aquilo que nasce cresce, organiza-se, torna-se um corpo, um caminho, uma história cheia de paciência], das palmadas que se sucedem [as palmadas da história], esperadas com calma, com segurança [segurança porque Ele está aqui]. É preciso sofrer para que a verdade não se cristalice em doutrina”. Tudo é sofrer: parto, paciência, uma palmada depois da outra que não vem logo, o sacrifício supremo da segurança, ou seja, da certeza de um Outro. É sofrer para que o facto que está entre nós, Cristo, não seja um exemplo ou um conjunto de valores morais, mas nasça da carne. É preciso sofrer: aderir à modalidade com a qual esta presença está entre nós. De resto, Cristo ressuscitou mas passou pela morte. Na oração do Angelus pedimos a Deus que nós, que conhecemos a encarnação do Seu filho Jesus Cristo, pela sua morte e ressurreição sejamos conduzidos à experiência da Sua glória, à mudança da vida e do mundo. Aderir a Cristo, fazê-lo penetrar na nossa carne, significa olhar, conceber, sentir, ajuizar, avaliar, procurar tratar nós mesmos e as coisas como memória da sua presença, com a sua presença nos olhos. [...] Desta memória deriva toda a moral. Não é abolido nem sequer um jota da lei, mas a sua presença dá-lhe o fundamento».<sup>40</sup>

Como disse o Papa Francisco na Quinta-feira Santa, «nunca a verdade do *lieto Annuncio* poderá ser apenas uma verdade abstrata, daquelas que não se encarnam plenamente na vida».<sup>41</sup>

Escreve-me uma professora: «Participando num gesto dos Liceus, estava a almoçar com alguns dos miúdos. Perguntei ao rapazinho que estava à minha frente como se chamava, quantos anos tinha e que escola frequentava. “Dezasseis anos, 11º ano”. Depois fiz-lhe outras perguntas. E ele, com um tom de voz desprovido de qualquer vibração, respondeu-me: “Sim, estou contente, estou de acordo com tudo aquilo que ouvi, mas para mim não são coisas novas, já as conheço, disse-mas o padre da minha comunidade com quem me encontro já há três anos. Para mim é um aprofundamento”. O “dar por adquirido” feito carne estava ali, diante de mim! Senti-me bloqueada, neste diálogo. Sentia uma vontade terrível de ir-me embora. Mas, no fundo, no fundo, verdadeiramente no fundo, quase impossível de pensar, estava-lhe grata, porque me tornava consciente de mim, do meu desejo. Esta ferida pôs-me de joelhos: sem Ti, sem Ti, Cristo, aqui, agora, presente, eu não sou nada, perco a minha humanidade, o meu eu. Nos contornos banais de um almoço “insípido” pude descobrir a exigência fundamental, a necessidade essencial da minha existência: dar-me conta de que Tu existes. Até há pouco tempo, eu não teria sequer registado um facto deste tipo, ou ter-me-ia apenas provocado um breve sofrimento, quase um aborrecimento. Que gratidão imensa por

<sup>39</sup> L. Giussani, *Qui e ora. 1984-1985*, Bur, Milano 2009, pp. 209-210.

<sup>40</sup> L. Giussani, *Occorre soffrire perché la verità non si cristallizzi in dottrina ma nasca dalla carne*, Esercizi Spirituali della Fraternità di Comunione e Liberazione, Rimini 1989, p. 24.

<sup>41</sup> Francisco, *Homilia na Santa Missa Crismal*, 13 de abril de 2017.

Dom Giussani, que me introduziu a um caminho em que nada, verdadeiramente nada, pode ser esquecido ou excluído!».

Estas linhas demonstram o quanto temos necessidade da pobreza – ao ponto de nos pormos de joelhos para a pedir – a que se refere o Papa na carta que nos enviou (para nos agradecer pela oferta que lhe demos depois da peregrinação pelo Jubileu) e que amanhã irei retomar. Tudo se torna aborrecido, tudo se torna óbvio, sem a consciência da nossa pobreza, da nossa necessidade, sem o empenho da nossa liberdade. Como Péguy tem razão! Se não nos tornarmos seus protagonistas, como ele afirma, a salvação não será interessante para nós.

## 6. «Do lado do sepulcro ou do lado de Cristo»

O Papa disse ainda, na Homilia da Páscoa: «Pensem um pouco, cada um pense, nos problemas diários, nas doenças que vivemos ou que um dos nossos parentes sofre; pensem nas guerras, nas tragédias humanas e, simplesmente, com voz humilde, sem floreios, sozinhos, diante de Deus, diante de nós, digamos: “Não sei como vai isto, mas estou certo de que Cristo ressuscitou e aposto nisto”».<sup>42</sup>

Com Cristo podemos enfrentar qualquer situação em que nos venhamos a encontrar. E nisto consiste também a nossa verificação. Não estamos condenados à cristalização e à aridez, mas, mais uma vez, para realizar esta verificação é necessária a nossa liberdade. Temos de decidir de que lado estamos.

Disse-o de forma clara e comovente o Papa Francisco em Carpi, no passado dia 2 de abril. Falava às vítimas do terramoto de Emilia, mas o seu apelo é válido para nós aqui, hoje: «Analisemos [...] o último dos sinais milagrosos que Jesus realiza antes da sua Páscoa, no sepulcro do seu amigo Lázaro. [...] Em volta deste sepulcro, acontece portanto um grande *encontro-desencontro*. *Por um lado há a grande desilusão*, a precariedade da nossa vida mortal que, atravessada pela angústia e pela morte, experimenta com frequência a derrota, uma obscuridade interior que parece insuperável. A nossa alma, criada para a vida, sofre sentindo que a sua sede de bem eterno é oprimida por um mal antigo e obscuro. Por um lado há esta derrota do sepulcro. Mas *por outro* há a esperança que vence a morte e o mal e tem um nome: a esperança chama-se Jesus. [...] Amados irmãos e irmãs, também nós somos convidados a decidir de que parte estar. Podemos estar *do lado do sepulcro* ou *do lado de Jesus*. Há quem se deixa dominar pela tristeza e quem se abre à esperança. Há quem permanece vítima dos destroços da vida e quem, como vós, com a ajuda de Deus, remove os destroços e reconstrói com esperança paciente. Face aos grandes «porquês» da vida temos dois percursos: ficar a olhar melancolicamente para os sepulcros de ontem e de hoje, ou deixar que Jesus se aproxime dos nossos sepulcros. Sim, porque cada um de nós já tem um pequeno sepulcro, alguma parte um pouco morta dentro do coração: uma ferida, uma injustiça suportada ou cometida, um rancor que não dá trégua, um remorso que vai e volta, um pecado que não se consegue superar. [...] Sentimos então dirigidas a cada um de nós as palavras de Jesus a Lázaro: «Sai!»; sai do engarrafamento da tristeza sem esperança; desata as ligaduras do medo que impedem o caminho; aos laços das debilidades e das preocupações que te bloqueiam [...]. Seguindo Jesus aprendamos a não atar as nossas vidas em volta dos problemas que se emaranham: haverá sempre problemas, sempre, e quando resolvemos um, imediatamente chega outro. Mas podemos encontrar uma *nova estabilidade*, e esta estabilidade é precisamente Jesus, esta estabilidade chama-se Jesus [...]. E mesmo se os pesos não faltarem, haverá sempre a sua mão que alivia».<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Francisco, *Homilia na Santa Missa do Domingo de Páscoa na Ressurreição do Senhor*, 16 de abril de 2017.

<sup>43</sup> Francisco, *Homilia em Carpi*, 2 de abril de 2017.

E na noite de Páscoa, o Papa afirmou: «Com a Ressurreição, Cristo não deitou por terra apenas a pedra do sepulcro, mas quer fazer saltar também todas as barreiras que nos fecham nos nossos pessimismos estéreis, nos nossos mundos concetuais bem calculados que nos afastam da vida, nas nossas obcecadas buscas de segurança e nas ambições desmesuradas capazes de jogar com a dignidade alheia. [...] Deus irrompe para transtornar todos os critérios e, assim, oferecer uma nova oportunidade.[...] Alegra-te, porque a tua vida esconde um germe de ressurreição, uma oferta de vida que aguarda o despertar. Eis o que esta noite nos chama a anunciar: o palpitante do Ressuscitado, Cristo vive! [...]Vamos e deixemo-nos surpreender por esta alvorada diferente, deixemo-nos surpreender pela novidade que só Cristo pode dar. Deixemos que a sua ternura e o seu amor movam os nossos passos, deixemos que o pulsar do seu coração transforme o nosso ténue palpitante».<sup>44</sup>

Por isso estamos juntos nestes dias: para nos apoiarmos, para nos apelarmos uns aos outros, com o nosso testemunho, com o empunhar da nossa liberdade, para nos deixarmos surpreender e abraçar pela Sua presença, afim de não sucumbirmos no nosso sepulcro, como diz o Papa. «Somos convidados a decidir de que parte estar. Podemos estar *do lado do sepulcro* ou *do lado de Jesus*.

Recomendo a todos que respeitem o silêncio, precisamente para nos ajudar a estar do lado de Jesus. Não o demos por adquirido. Se não nos ajudarmos a que o silêncio seja pleno e não algo de mecânico, cheio de tensão para reconhecer a sua Presença, se não nos exercitarmos a fazer silêncio, estes não serão para nós «exercícios» espirituais. Também o silêncio deve nascer da carne para se tornar meu.

Este ano pensámos em dedicar uma parte do silêncio que pedimos à entrada no salão para retomar algumas canções da nossa história. A proposta que fazemos nasce do desejo de não dar por adquirido o dom que é cantarmos juntos. Desejamos que cada um de nós – e portanto, as nossas comunidades – possa redescobrir o gosto, a beleza e a força educativa do cantarmos juntos.

---

<sup>44</sup> Francisco, *Homilia na Vigília Pascal da Noite Santa*, 15 de abril de 2017.